

AVALIAÇÃO E O NOVO CENÁRIO DA EDUCAÇÃO

Cláudia Capello é doutora em Literatura Comparada pela UFF, mestre em Literatura Portuguesa pela UFRJ e licenciada em Letras pela UERJ. É professora adjunta da UERJ, lotada no Instituto Multidisciplinar de Formação Humana com Tecnologias – IFHT –, onde coordena a Graduação. No FGV Online, é coordenadora pedagógica.

Resumo

O papel da avaliação no processo educacional vem sendo constantemente revisto e reformulado. A busca por modelos que privilegiem o processo é uma constante, e a necessidade de se criarem atividades que deem conta desses modelos, um desafio. O novo cenário da Educação, em que a informação não é, absolutamente, patrimônio exclusivo do professor, exige que se coadune a avaliação quantitativa, tão comum em nosso sistema educacional, com a avaliação formativa, que perpassa todo o processo de aprendizagem.

Palavras-chave:

Avaliação; avaliação formativa; modelos de atividades; pilares norteadores da educação.

1. Visões e transformações

A palavra avaliação vem da forma latina *valere*, que significa *ter vigor, força*, e que evolui, na língua portuguesa, para *valia*. Avaliar, portanto, é medir o valor, a força e, ainda, estimar o merecimento.

Podemos dizer que fazemos avaliações de tudo, continuamente, ainda que não nos demos conta disso. Avaliamos, informalmente, as atitudes das pessoas, o lugar em que vivemos, o trabalho que fazemos, os lugares que frequentamos, e, embora com maior relutância, avaliamos a nós mesmos. A avaliação, portanto, faz parte de nossa vida.

Em algumas instâncias, entretanto, ela adquire um peso específico. É o que ocorre com a avaliação no processo educacional, em que tem a função de detectar mudanças qualitativas ao longo do processo de aprendizagem.

Nossa Lei de Diretrizes e Bases (Lei nº 9.394/96) estabelece o seguinte:

*A verificação do rendimento escolar observará os seguintes critérios:
avaliação contínua e cumulativa do desempenho do aluno, com a
prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos e dos
resultados ao longo do período sobre o de eventuais provas finais.¹*

A leitura do texto legal traduz a ideia de que a avaliação deve ser um recurso utilizado pelo professor em sua prática diária, de modo a favorecer a qualidade do aprendizado, ou seja, o desenvolvimento do aluno deve ser medido ao longo do processo de aprendizagem, e não apenas em uma oportunidade pontual, em que um grau quantitativo se sobrepõe a todo o processo.

Essa mesma concepção aparece nos Parâmetros Curriculares Nacionais:

A avaliação vai além da visão tradicional, que focaliza o controle externo do aluno, através de notas ou conceitos, para ser compreendida como parte integrante e intrínseca ao processo educacional. A avaliação, ao não se restringir ao julgamento sobre sucessos ou fracassos do aluno, é compreendida como um conjunto de atuações que tem função de alimentar, sustentar e orientar a orientação pedagógica.²

Podemos entender, a partir do que nos dizem os instrumentos legais que regem nosso sistema educacional, que a avaliação é, de fato, um sistema de aferição do desenvolvimento do aluno ao longo do processo de aprendizagem. Contudo, continuamos a vivenciar situações em que a avaliação se caracteriza como um momento de fechamento do processo.

Luckesi define a avaliação como "um julgamento de valor sobre manifestações relevantes da realidade, tendo em vista uma tomada de decisão."³ As palavras do autor demonstram que a avaliação não é apenas um julgamento de valor, mas implica um posicionamento a respeito do valor julgado. No contexto educacional, esse posicionamento pode assumir um caráter reducionista, já que a avaliação acaba por ser, quase sempre, um instrumento de promoção ou reprovação, a partir da atribuição de notas em exames pontuais.

¹BRASIL, 1996, art. 24.

²BRASIL, 1997, p.55.

³LUCKESI, C. C. 1996, p. 33.

A visão convencional de avaliação é um dos pontos de discussão mais frequentes entre os educadores. Para refletir melhor a respeito dessa visão e de diversas propostas que se apresentam a respeito do tema, é imprescindível que se fale a respeito da maneira como a educação vem-se modificando nos últimos tempos.

Uma visão de futuro a respeito da educação vem assumindo contornos diferenciados, e a aprendizagem vem sendo compreendida como um processo em que cada momento constrói resultados. Nesse sentido, é oportuno lembrar que a Unesco, em 1996, empreendeu a construção de um relatório voltado para a educação para o século XXI. O relatório, intitulado *Educação: um tesouro a descobrir*⁴, nasceu do trabalho da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI e desenha um novo cenário para os objetivos norteadores da educação. Nesse cenário, quatro pilares fundamentais são trazidos ao cenário educacional: o aprender a conhecer; o aprender a fazer; o aprender a compartilhar e o aprender a ser.

O primeiro pilar – aprender a conhecer – assenta-se sobre o princípio de que o número de saberes é menos relevante que o desenvolvimento de habilidades que permitam aprender. O segundo pilar – aprender a fazer – aponta para a visão contemporânea da importância de desenvolver competências para aplicar o conhecimento. O terceiro pilar – aprender a compartilhar – lança mão das habilidades e competências mencionadas nos dois pilares anteriores como forma de estimular o trabalho em equipe, em que é necessário perceber as relações entre os saberes e as experiências, e ser capaz de gerenciar conflitos. Por fim, o quarto pilar – aprender a ser – reflete a preocupação com a interferência da educação no desenvolvimento global do indivíduo.

Tomando por base a concepção de um cenário que privilegia o desenvolvimento e a construção do conhecimento, e não mais a aferição pontual de resultados, passamos a falar de avaliação sob novas bases. A avaliação, dentro desse cenário, valoriza o processo e é, ela mesma, um processo constante, que leva em conta tudo o que envolva o percurso do aluno ao longo de um curso. Por essa razão, a avaliação deve ser parte do planejamento do curso e perpassar todo o processo de aprendizagem.

Ao lidarmos com a avaliação como um fator crítico de sucesso, passamos a utilizá-la como um instrumento que, para além da simples aferição de resultados, funciona como parâmetro de

⁴DELORS, J. 2001.

análise de resultados que permitirá o redimensionamento e o redesenho do processo avaliado. Dessa forma, avalia-se o processo, não apenas o aluno.

2. Princípios norteadores da avaliação

Para que a avaliação não se reduza a um número ao lado do nome do aluno, é necessário que haja uma preocupação com as formas de avaliação desde a elaboração dos objetivos pedagógicos do curso. Tendo em mente que o processo de avaliação é um aliado do docente para ajudá-lo a detectar problemas passíveis de solução ao longo do processo de aprendizagem, fica mais fácil estabelecer instrumentos avaliativos que atinjam essa meta. Essa visão da avaliação permite que ela contribua, efetivamente, para a melhoria da aprendizagem.

Para que os avanços e as dificuldades dos alunos sejam percebidos ao longo do processo de aprendizagem, é necessário que alguns princípios norteiem a avaliação.

Em primeiro lugar, é necessário compreender que a avaliação deve ser um processo sistemático, ou seja, os instrumentos de avaliação devem ser variados e previamente planejados para que estejam adequados ao que se está avaliando.

Na esteira da sistematização, temos o princípio da continuidade. Tomando-se a avaliação como um processo contínuo, é possível focar em instrumentos que avaliem, continuamente, o aluno, sem deixar de lado o resultado dessa avaliação. Em outras palavras, a avaliação contínua privilegia o processo, mas não se esgota nele – desemboca em um resultado, que representa tudo o que se conseguiu atingir ao longo desse percurso.

Além da sistematização e da continuidade, a avaliação deve estar atrelada a objetivos previamente construídos. Esses objetivos são os parâmetros daquilo de que não se deve abrir mão no processo de aprendizagem que está sendo avaliado.

A avaliação deve, também, ser orientadora, na medida em que tem a função de apontar resultados tanto de avanços quanto de dificuldades e, a partir disso, auxiliar o aluno a desenvolver as habilidades que não está dominando de forma eficaz.

Outro importante princípio que deve reger a avaliação é o que a considera integral, ou seja, vê o aluno de forma global assim como reconhece as diversas dimensões do ensino. Nesse sentido, é

imprescindível que o docente tenha conhecimento do perfil do aluno que está avaliando e aplique instrumentos variados em momentos diversos do processo.

Em complementação ao princípio anterior, temos o princípio da inclusão. Esse princípio pauta-se na ideia de que a aprendizagem deve ser uma aquisição para a vida, e não apenas para o momento de uma avaliação. Nesse sentido, a avaliação se torna inclusiva na medida em que permite que as condições de aprendizagem sejam iguais para todos.

A avaliação é, também, qualitativa e quantitativa, dependendo do instrumento utilizado. A avaliação qualitativa prioriza o processo de aprendizagem, dando ênfase ao fato de o aluno ter, realmente, assimilado aquilo que foi com ele trabalhado. A avaliação quantitativa sugere uma abordagem mais objetiva, em que o grau de conhecimento do aluno é medido pelo número de respostas corretas. É importante ressaltar que as duas formas de avaliação se complementam e não devem ser excludentes.

Por fim, deve-se sempre ter em mente que a avaliação deve ser relacional, isto é, deve garantir que o aluno aprenda com o professor, com o outro aluno, consigo mesmo e com tudo o que faça parte de seu contexto educacional.

3. Instrumentos de avaliação

A avaliação suscita uma série de discussões a respeito da melhor maneira de se aplicarem os instrumentos que vão medir o desenvolvimento do indivíduo durante o processo de aprendizagem. Como a avaliação não tem apenas uma finalidade, mas desdobra-se em diversos objetivos, costuma-se dividi-la da seguinte forma:

- avaliação somativa;
- avaliação formativa;
- avaliação diagnóstica.

A avaliação somativa é aquela com que todos estamos bastante familiarizados, pois se realiza em um momento específico e tem o objetivo de aferir se os objetivos traçados para o curso foram atingidos ao final do processo. Nesse tipo de avaliação, faz-se, em geral, uma única avaliação, cuja nota certificará o aluno, promovendo-o ou reprovando-o.

A avaliação formativa não é comum na realidade escolar brasileira. Esse tipo de avaliação se caracteriza por ser contínua e por ser realizada ao longo de todo o processo educacional, com o objetivo de acompanhar e analisar toda a performance do aluno e detectar suas dificuldades. Essa forma de avaliação permite que o aluno ajuste seus pontos fracos ao longo do processo.

A avaliação diagnóstica tem o objetivo de identificar o estágio de desenvolvimento em que se encontra o aluno no início do processo ou buscar causas de dificuldades que ocorrem durante o processo. Esse tipo de avaliação é essencialmente investigativa e voltada para pontos específicos do perfil do aluno.

O que se pode observar a partir dos tipos de avaliação com que se costuma lidar no cenário da educação é que a avaliação formativa, que tem foco no processo como um todo, e não no resultado pontual, é o modelo que melhor se conforma aos pilares descritos pela Unesco. Apesar de se reconhecer que esse modelo configura-se como uma forma justa e adequada de avaliação, a grande questão que se coloca é de que forma se pode lançar mão desse tipo de instrumento de avaliação.

4. Avaliação formativa – o desafio do novo cenário da educação

O primeiro passo para estabelecermos instrumentos que possam, adequadamente, avaliar todo o processo de aprendizagem é termos em mente os quatro grandes domínios de competências que regem os princípios estabelecidos pelo documento da Unesco. Sendo assim, reconhecendo que todo indivíduo deve participar ativamente da construção de seu próprio conhecimento e que deve fazê-lo sem abrir mão da interação, reconhecemos que todos são capazes de aprender.

Isto posto, fica mais confortável apontar instrumentos de avaliação que viabilizem a formação dos indivíduos a partir de superações constantes em seu processo de aprendizagem. A avaliação formativa deve, portanto, pautar-se em instrumentos que permitam a participação constante do indivíduo, possibilitem a aplicação do conhecimento em sua vivência pessoal e profissional, se for esse o caso, viabilizem a análise das informações e a assunção de postura crítica diante delas, além da formulação de soluções, e, finalmente, oportunizem a troca, a interação, a construção e a reconstrução de conhecimentos.

Mas quais são, concretamente, os instrumentos que se caracterizam como avaliação formativa?

É importante lembrar que esse tipo de avaliação leva em conta todo o processo de construção do conhecimento, portanto, deve perpassar o curso de modo a permitir que o posicionamento do aluno se desenvolva e, sobretudo, que esse desenvolvimento seja percebido. Nesse sentido, a avaliação formativa é feita por meio de tarefas que permitam o posicionamento crítico do aluno e o compartilhamento desse posicionamento com os demais alunos, de modo a oportunizar a troca de informações e de opiniões.

Nesse tipo de avaliação, o aluno é chamado a realizar tarefas que pressupõem a elaboração de textos dissertativos, construção de painéis, realização de apresentações orais, enfim, tudo o que permita a exposição daquilo que foi construído por esse aluno. Além disso, o aluno deve refletir sobre as estratégias de que lançou mão para lidar com as questões que a ele foram colocadas. Dessa forma, o processo avaliativo proporciona um retorno ao aluno a respeito de suas posições, suas reflexões e sobre o próprio processo de aprendizagem.

5. Articulando habilidades

A utilização concomitante de instrumentos de avaliação somativa, com objetivo certificatório, e de avaliação formativa constitui uma opção estratégica que não apenas contempla a necessidade de estabelecer parâmetros quantitativos para atender a critérios internos de certificação de cada instituição mas também valoriza a evolução do aluno ao longo de seu processo de aprendizagem. Se os instrumentos de avaliação utilizados ao longo do curso forem capazes de ajudar o aluno a reconstruir suas estratégias de aprendizagem e a sanar suas dificuldades, a avaliação somativa aplicada ao final do processo pode funcionar como retomada de tudo o que foi anteriormente apresentado. Nesse sentido, o caráter certificatório desse tipo de avaliação não deixa de lado os ajustes proporcionados aos alunos pelas avaliações ocorridas durante o processo.

Levar o aluno a refletir sobre suas estratégias de resposta e aprendizado é uma forma de desenvolver sua capacidade de articular múltiplas habilidades, na medida em que o aluno é instado a perceber de que forma desenvolveu capacidades para lidar com as informações a partir das quais construiu seus pontos de vista. O desenvolvimento dessas habilidades desemboca na composição de competências gerais, que o aluno, em geral, não possui quando inicia o curso.

É importante ressaltar que os instrumentos de avaliação formativa abrem as portas à interação, já que se constituem, na maior parte das vezes, de propostas totalmente adequadas ao trabalho em equipe. Nessa perspectiva sociointeracionista, o processo de avaliação passa a se construir pelo

resultado das diversas posições assumidas pelos participantes e resulta em um movimento de reconstrução do conhecimento, pois o saber se torna disponível e reconfigurado a partir da afetação mútua: todos afetam a todos, e todos aprendem com todos.

O desafio que se coloca aos professores, então, é a construção de instrumentos variados que sejam capazes de diagnosticar dificuldades, oferecer a possibilidade de saná-las, permitir a reflexão e aferir o conhecimento. Não é sem razão que a necessidade de trabalhar com formas variadas de propostas torna-se inevitável.

Ao nos depararmos com a tarefa de construir uma proposta de trabalho, uma questão para resposta argumentativa, um conjunto de itens de resposta objetiva ou qualquer outra forma de avaliação, temos de ter em mente que não estamos construindo propostas que atendem a nossos anseios pessoais. Não existem receitas, mas princípios. É necessário que cada um de nós esteja preparado para formular soluções adequadas ao público com que lidamos e que não se perca de vista o fato de que a forma como nos posicionamos diante do processo educativo reflete nossa consciência a respeito de nosso papel na educação como um todo.

Referências bibliográficas:

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases. Ministério da Educação e do Desporto: Secretaria da Educação Fundamental: Brasília, 1996.

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais. Ministério da Educação e do Desporto: Secretaria da Educação Fundamental: Brasília, 1997.

DELORS, J. *Educação: um tesouro a descobrir*. Relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. São Paulo: Cortez; Brasília: MEC/Unesco, 2001.

HOFFMANN, Jussara. *Avaliação mediadora: uma prática em construção da pré- escola à universidade*. Porto Alegre: Mediação, 2003.

LUCKESI, C. C. *Avaliação da aprendizagem escolar*. 4. ed. São Paulo : Cortez, 1996.

Cláudia Capello é coordenadora pedagógica do FGV Online, doutora em Literatura Comparada pela UFF, mestre em Literatura Portuguesa pela UFRJ e licenciada em Letras pela Uerj. É professora adjunta da Uerj, lotada no Instituto Multidisciplinar de Formação Humana com Tecnologias – IFHT

–, onde coordena o Laboratório de Formação Humana com Tecnologias. Foi professora do Colégio de São Bento e da Faculdade de São Bento, onde ministrou aulas de Língua Portuguesa e coordenou o curso de pós-graduação em Língua Portuguesa. Ministra também aulas de Redação e Redação Empresarial em nível de pós-graduação. Possui vários artigos publicados na área de literatura e de EAD. No FGV Online, já atuou como coordenadora de tutoria, coordenadora de produtos e *instructional designer*. Fez parte da banca de elaboração e correção de provas do exame vestibular da Uerj nas áreas de Linguagem, Códigos e suas Tecnologias, e também de Língua Portuguesa Instrumental e Redação. No Programa FGV Ensino Médio Digital, é coordenadora da área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias, e autora do conteúdo de Literatura.